18:24 82%

O que motiva os protestos

Não são só os fatores econômicos que levam as pessoas a se manifestarem

Deborah Bizarria

Economista pela UFPE, estudou economia comportamental na Warwick University (Reino Unido); evangélica e coordenadora de Políticas Públicas do Livres

A partir da manifestação convocada por Jair Bolsonaro (PL) para este domingo (25), na avenida Paulista, dei-me conta de que políticos e lideranças sociais têm conseguido levar cada vez mais pessoas às ruas.

Na última década, o Brasil tem testemunhado um aumento no número e na escala de protestos. Desde 2013, vimos movimentos estudantis, greves e protestos contra os governantes do momento e a favor deles, ou em torno de outras figuras políticas destacadas.

Esse panorama não é exclusividade brasileira, conforme apontado pelo estudo de Davide Cantoni e outros autores, que contou com assistência do pesquisador brasileiro William Radaic.

A pesquisa analisou dados sobre 1,2 milhão de eventos de protesto em 218 países, cobrindo um período de 1980 a 2020. Esse volume de informação não só destaca sua onipresença como fenômeno mundial como aponta para a complexidade de suas causas e consequências. Através da análise estatística e do exame de literatura existente, desvendaram os padrões subjacentes aos atos, explorando tendências temporais, padrões geográficos e a relação com variáveis econômicas e sociais.

Os resultados revelaram padrões empíricos significativos que, juntos, fornecem uma compreensão mais profunda sobre os protestos não só no Brasil mas no mundo. Primeiramente, verificou-se uma mudança de curso durante a Primavera Árabe, um período em que tanto democracias quanto regimes autoritários vivenciaram um aumento nos movimentos.

Observou-se que grandes eventos políticos podem catalisar ondas de protesto que, através das redes sociais, ultrapassam as fronteiras nacionais e remodelam o cenário político em outras localidades.

Isso ressalta o caráter "contagioso" dos protestos, pelo qual a ação em um país pode inspirar movimentos similares em outros, destacando a interconexão global das causas sociais e políticas.

Economia x Valores

Contra a intuição comum, os resultados mostraram que o desempenho econômico de um país não está diretamente ligado à frequência de manifestações. Em vez disso, são os valores individuais que mais influenciam a decisão de aderir ou não a esse tipo de evento.

Esse achado reforça a ideia de que as motivações para protestar vão além da mera insatisfação econômica, englobando uma gama mais ampla de fatores ideológicos e culturais relacionados à identidade individual.

Nesse sentido, podemos refletir sobre como o Brasil se insere nesse contexto global de protestos. Embora saibamos que fatores econômicos podem ter influenciado alguns atos, em especial o "Fora Dilma", vale prestar atenção no peso dos valores e do senso de pertencimento, conforme relatado na pesquisa.

O apelo de figuras carismáticas, como o próprio Jair Bolsonaro, se dá pela conexão com pessoas que não se sentem representadas pelas instituições vigentes a partir de alguns princípios. Fica o questionamento: como podemos atender parte desses valores sem cair numa armadilha antidemocrática?

Olhar para experiências e evidências estrangeiras pode ajudar na construção de soluções.

| DOM. Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros | SEG. Deborah Bizarria, Camila Rocha | TER. Joel Pinheiro da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Marcos Augusto Gonçalves | SÁB. Demétrio Magnoli

Ato em defesa de Bolsonaro lota quatro quarteirões na Paulista neste domingo (25); vários manifestantes levaram a bandeira de Israel Danilo Verpa/Folhapress

PF vê Bolsonaro reforçar investigação sobre golpe; petistas rechaçam anistia

Investigadores avaliam que ex-presidente sugeriu em discurso ter conhecimento de minuta golpista

Julia Chaib e Mateus Vargas

BRASÍLIA O discurso de Jair Bolsonaro (PL) durante ato na avenida Paulista neste domingo (25) provocou críticas de governistas e reforçou a linha de investigação de que houve uma trama de tentativa de golpe de Estado, na avaliação de integrantes da Polícia Federal.

Em fala aos milhares de apoiadores que compareceram à manifestação, Bolsonaro se defendeu da acusação, mas indicou saber da existência de minutas de texto que buscavam anular a eleição do presidente Lula (PT).

"O que é golpe? É tanque na rua, é arma, conspiração. Nada disso foi feito no Brasil", disse. "Agora o golpe é porque tem uma minuta do decreto de estado de defesa. Golpe usando a Constituição? Tenha paciência", afirmou o ex-presidente diante de seus apoiadores.

Para investigadores da PF, é possível deduzir das declarações do ex-presidente que ele sabia da existência das minutas e estava ciente de tratativas para tentar impedir a posse de Lula. O ato entrará no contexto de toda a investigação sobre a trama.

Aliados de Bolsonaro avaliam que o presidente não admitiu ter relação com a elaboração de minutas, apenas disse que eventuais textos que existiam eram inexequíveis. Na semana passada, Bolsonaro ficou em silêncio em depoimento à PF.

Para os investigadores, o ex-presidente não só participou da elaboração como chegou a fazer alterações em uma minuta para legitimar um golpe de estado.

Na decisão em que autorizou as prisões de aliados do ex-presidente no início deste mês, o ministro Alexandre de Moraes afirmou que já está comprovada a prática de crimes contra a democracia e associação criminosa.

Neste domingo, além de tentar se defender das acusações da PF, Bolsonaro diminuiu o tom da agressividade contra o STF (Supremo Tribunal Federal), disse buscar a pacificação do país e pediu anistia aos presos pelo ataque golpista de 8 de janeiro de 2023.

Ministros do STF minimizaram o ato e disseram, em conversas reservadas, não haver surpresa com o teor do protesto.

Já petistas criticaram o que chamaram de tentativa de Bolsonaro de normalizar a trama para um golpe e rechaçaram a hipótese de dar anistia a condenados pelo Supremo por participação nos ataques aos Três Poderes em 8 de janeiro de 2023.

A presidente nacional do PT e deputada federal, Gleisi Hoffmann (PR), afirmou nas redes sociais que Bolsonaro "continua sendo e sempre será uma ameaça à democracia".

"O que Bolsonaro fez foi tercerizar para [o pastor Silas] Malafaia os ataques que sempre fez à Justiça, às instituições e à verdade", escreveu a deputada no X, antigo Twitter.

Gleisi também disse que Bolsonaro deveria ter apresentado a sua versão sobre a tentativa de golpe à Polícia Federal. "Seria confrontado com as provas da conspiração, que previa tropas na rua e prisão de ministros e adversários", declarou ela.

Para a deputada, o ex-presidente mirou a "própria impunidade" ao pedir anistia aos condenados pelos atos golpistas de 8 de janeiro.

Já o líder do governo na Câmara, José Guimarães (PT-CE), disse à **Folha** que Bolsonaro tentou "naturalizar" os ataques às sedes dos Três Poderes para aliviar as investigações sobre suposta mobilização golpista do antigo governo.

"Não pode ter anistia. Não vamos dar anistia para quem cometeu crime contra a democracia", disse Guimarães.

O deputado também afirmou que os governadores que participaram do ato na Avenida Paulista são "cúmplices de uma tentativa de golpe e reedição da democracia". Além do governador paulista, Tarcísio de Freitas, participaram do ato Romeu Zema (Minas Gerais), Jorginho Mello (Santa Catarina) e Ronaldo Caiado (Goiás).

O ex-ministro José Dirceu afirmou que Bolsonaro "amarelou" no ato deste domingo. Ele avaliou ainda que o ex-presidente atuará em duas frentes. "Uma mobilização para pedir anistia. Outra, a golpista, que não deixará, haja visto as mudanças na Polícia Militar de São Paulo, que pode virar uma milícia bolsonarista", afirmou Dirceu.

"O tempo dirá qual prevalecerá. De nossa parte, nada de anistia e sim a Constituição e as leis", disse ainda o ex-ministro.

Líder do governo no Congresso, o senador Randolfe Rodrigues (sem partido-AP), ironizou o protesto. Ele publicou nas redes sociais as fotos de Lula e Bolsonaro com a legenda "eleito" e "não eleito". "A imagem que nocauteia qualquer manifestação golpista em 36 segundos", afirmou Randolfe.

Também nas redes sociais, o ministro do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar, Paulo Teixeira (PT-SP), afirmou que "quem pede anistia é que já sabe que será condenado".

A investigação da Polícia Federal que mira Bolsonaro tem como uma de suas bases mensagens e delação do tenente-coronel Mauro Cid, ex-ajudante de ordens de Bolsonaro na Presidência da República.

Outros elementos ainda em fase de investigação são a reunião de teor golpista na qual, em julho de 2022, o então presidente sugere formas para atacar o sistema eleitoral e, já após a eleição, o papel dele na elaboração de uma suposta minuta de decreto na qual seria fundamentado o golpe de Estado.

No ato deste domingo, poucos aliados de Bolsonaro discursaram e aqueles que falaram tentaram adotar tom ameno. Quem destoou foi o pastor Silas Malafaia, organizador do protesto, que disparou críticas ao STF.

Aliados viram o discurso de Malafaia como excessivo e buscaram desprender a imagem de Bolsonaro da do evangélico.

PF detém português que afirmou vir ao Brasil para reportagem

Mônica Bergamo

SÃO PAULO O cidadão português Sérgio Tavares foi detido neste domingo (25) no aeroporto de Guarulhos, em São Paulo, no momento de seu desembarque. Ele foi liberado no início da tarde pela Polícia Federal.

Tavares afirmou que é jornalista e que veio ao Brasil para cobrir o evento de apoio a Jair Bolsonaro na avenida Paulista. Seu passaporte chegou a ser retido pela Polícia Federal.

A coluna apurou que a PF decidiu apreender o passaporte e investigar a situação porque, para fazer a cobertura do evento, de acordo com a lei, ele precisaria apresentar um visto de trabalho.

Tavares disse em mensagens enviadas a grupos de WhatsApp que a PF fez perguntas, mas que ele decidiu ficar em silêncio por orientação de seu advogado. Ele também divulgou um vídeo sobre a sua detenção no aeroporto.

"Estou sendo interrogado pela Polícia Federal sobre declarações minhas sobre urnas, fraude eleitoral, ditadura do Judiciário e vacinas. Por orientação do advogado de defesa, mantenho-me em silêncio."

Em nota neste domingo, a PF afirmou que, "em relação ao vídeo que circula em redes sociais de um cidadão português alegando que foi indevidamente impedido de entrar no Brasil, a Polícia Federal informa que tal alegação é falsa".

"A PF está conduzindo o procedimento padrão para avaliar a situação do indivíduo, verificando se ele está no país a turismo ou a trabalho e por quanto tempo pretende permanecer no país, seguindo o protocolo regular de admissão de estrangeiros", afirma a polícia.

"Tal indivíduo teria publicado em suas redes sociais que viria ao país para fazer a cobertura fotográfica de um evento. Todavia, para isso, é necessário um visto de trabalho, o que ele não apresentou", seguiu a PF.

"O estrangeiro foi indagado sobre comentários que fez sobre a democracia no Brasil, afirmando que o país vive um 'ditadura do Judiciário', além de outras afirmações na mesma linha (...) As mesmas medidas são adotadas na grande maioria dos aeroportos internacionais", completa a nota.